

CATEQUESE Como é habitual, a Catequese terminou as suas actividades nesta semana do 10 de Junho, este ano reduzidas às plataformas telemáticas desde Abril, devido à pandemia.

Em Outubro espera-se que se possa retomar a Catequese presencial.

Por esse motivo, a edição dos Xavierinhos deste fim-de-semana é a última, regressando também em Outubro.

FOLHA INFORMATIVA A Folha Informativa volta a ter edição impressa, mas, cumprindo as orientações da Conferência Episcopal Portuguesa, vai estar disponível apenas à saída da Igreja.

Tal como os Xavierinhos e a Voz da Verdade.

CONFERÊNCIA VICENTINA O peditário mensal para a Conferência Vicentina regressa no próximo fim-de-semana. No entanto, devido à pandemia, é feito agora à entrada para as Missas e não à saída, como acontecia habitualmente.

Bem hajam por ajudarem que mais precisa de ajuda na nossa paróquia.

CONTRIBUTOS podem ser feitos directamente para as seguintes contas bancárias:
SANTANDER – PT50 0018 0003 4942 2140 020 06
BANKINTER – PT50 0269 0113 0020 0516 481 49

NOVAS NORMAS PARA AS CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS COMUNITÁRIAS A Conferência Episcopal Portuguesa divulgou oito dezenas de orientações para as celebrações no contexto da pandemia. Pode consultá-las no site.

Em Resumo:

1. A igreja tem limite de número de participantes. Por favor, compreenda.
2. Siga as indicações de entrada e saída.

EVANGELHO DESTE DOMINGO

Mt 9, 36 – 10, 8

Naquele tempo, Jesus, ao ver as multidões, encheu-Se de compaixão, porque andavam fatigadas e abatidas, como ovelhas sem pastor. Jesus disse então aos seus discípulos: «A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara». Depois chamou a Si os seus doze discípulos e deu-lhes poder de expulsar os espíritos impuros e de curar todas as doenças e enfermidades. São estes os nomes dos doze apóstolos: primeiro, Simão, chamado Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Cananeu, e Judas Iscariotes, que foi quem O entregou. Jesus enviou estes Doze, dando-lhes as seguintes instruções: «Não sigais o caminho dos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos. Ide primeiramente às ovelhas perdidas da casa de Israel. Pelo caminho, proclamai que está perto o reino dos Céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, sarai os leprosos, expulsai os demónios. Recebestes de graça, dai de graça».

SALMO RESPONSORIAL

Salmo 99 (100), 2.3.5

REFRÃO:

*Nós somos o povo de Deus,
as ovelhas do seu rebanho.*

3. É obrigatório o uso de máscara, que só pode tirar na Comunhão.
4. Higienize as mãos à entrada da igreja.
5. Não toque nos puxadores das portas.
6. O seu lugar foi marcado para garantir a distância de segurança. Por favor, respeite.
7. Se sentir mal-estar levante a mão para que alguém do Grupo de Apoio o acompanhe.
8. As ofertas ocorrem à saída da igreja e não no momento do ofertório.
9. Na Comunhão respeite as distâncias assinaladas.
10. À saída da Missa não fique à porta da igreja.



Rua João Dias, nº 53 | 1400-221 Lisboa
Tel: 210966989
sfxavier@paroquiasfxavier.org
www.paroquiasfxavier.org

PARÓQUIA SÃO FRANCISCO XAVIER

1142
14 Junho 2020



Apresentação no Templo, Giotto

DOMINGO

Domingo XI do Tempo Comum

Ex 19, 2-6a

Rom 5, 6-11

Mt 9, 36 – 10, 8; Jo 3, 16-18

SEGUNDA

1 Reis 21, 17-29

Mt 5, 43-48

TERÇA

1 Reis 21, 1-16

Mt 5, 38-42

QUARTA

2 Reis 2, 1. 6-14

Mt 6, 1-6. 16-18

QUINTA

Sir 48, 1-15 (gr. 1-14)

Mt 6, 7-15

SEXTA

Solenidade do Sagrado Coração de Jesus

Deut 7, 6-11

1 Jo 4, 7-16

Mt 11, 25-30

SÁBADO

Imaculado Coração da Virgem

Santa Maria

Is 61, 9-11

Lc 2, 41-51

PRÓXIMO DOMINGO

Domingo XIII do Tempo Comum

Jer 20, 10-13

Rom 5, 12-15

Mt 10, 26-33

A Virgem Maria, Zacarias, Simeão e Ana são os primeiros anunciadores da salvação que Ele veio trazer à Terra.

Ao seus nomes devemos juntar os nossos, porque também nós, com efeito, vimos e ouvimos o que disse e fez por nós o autor da vida.

É um compromisso que deriva do nosso Baptismo. É um dever de gratidão. É a nossa resposta à gratuidade dos dons recebidos.

É, por fim, o acto mais excelente de caridade fraterna.

MONGES BENEDITINOS SILVESTRINOS

DIZER OBRIGADA

Joan Chittister, *In O sopro da vida interior*, ed. Paulinas

«Se a tua única oração na vida for “obrigado”, isso bastará (Mestre Eckhart)». A gratidão não é apenas uma atitude de louvor, é também o elemento básico de uma verdadeira crença em Deus.

Quando inclinamos as nossas cabeças em sinal de gratidão, reconhecemos que as obras de Deus são boas. Reconhecemos que não podemos salvar-nos por nós próprios. Proclamamos que a nossa existência e todas as coisas boas que ela tem, não vêm do nosso expediente, fazem parte da obra de Deus.

A gratidão é o aleluia à existência, o louvor que ressoa através do Universo, como um tributo à presença de Deus, constante entre nós, incluindo neste momento.

Obrigado por este novo dia.

Obrigado por este trabalho.

Obrigado por esta família.

Obrigado pelo nosso pão de cada dia.

Obrigado por esta tempestade e pela humidade que ela traz à terra seca.

Obrigado pelas correcções que me fazem crescer.

Obrigado pelas flores silvestres que dão cor à ladeira.

Obrigado pelos animais de estimação que nos unem à natureza.

Obrigado pela necessidade que me mantém vigilante em relação à tua generosidade na minha vida.

Sem dúvida, a gratidão ilimitada salva-nos do sentimento de auto-suficiência, que nos leva a esquecermo-nos de Deus.

O louvor não é uma virtude ociosa na vida. Diz-nos: «Lembra-te de Quem és devedor. Se nunca tiveres conhecido a necessidade, nunca virás a conhecer



Ecce Uomo, Mark Wallinger

Quem é Deus nem quem és tu.»

A necessidade testa a nossa confiança. Dá-nos a oportunidade de permitir que os outros nos apoiem nas nossas fraquezas, dando-nos conta que, no fim, só Deus é a medida da nossa plenitude.

Quando conhecemos a necessidade, somos melhores seres humanos. Pela primeira vez, conhecemos a solidariedade para com os mais pobres dos pobres. Fazemos nossa a dor do mundo e devotamo-nos a trabalhar em favor daqueles que sofrem.

Finalmente, é a necessidade que nos mostra que é preciso muito pouco para se ser feliz.

Mal percebemos todas estas coisas, encontramos-nos face a face, tanto com a Criação, como com o Criador. É um momento de aleluia em que descobrimos Deus e a sua bondade para connosco.

Aprendamos a vir à oração com um coração de aleluia, para que ela possa ser sincera.

CULTIVAR A ALEGRIA DE CADA DIA

José Tolentino Mendonça, *In Nenhum caminho será longo*

Um elemento que caracteriza a alegria é o facto dela não nos pertencer. É pessoalíssima, é completamente nossa, identifica-se connosco, mas não nos pertence. A alegria não nos pertence. A alegria atravessa-nos. A alegria é sempre um dom. A alegria nasce do acolhimento. A alegria nasce quando eu aceito construir a minha vida numa cultura de hospitalidade. Se insonorizo o meu espaço vital, se impermeabilizo a minha atenção, a alegria não me visita. A alegria é um dom da amizade acolhida.

A alegria não é programada. Não posso, por exemplo, dizer: daqui a um minuto vou-me rir. Não sei quando é que me vou rir. A alegria é um dom que me visita na surpresa, no não anunciado. E nesse sentido tenho de viver em hospitalidade. O meu coração é uma soleira, uma porta entreaberta. A minha vida vive do acolhimento amigável. Temos de adquirir uma porosidade, deixarmo-nos tocar, deixarmo-nos ligar pelo fluxo reparador da vida.

Há um filme de Ingmar Bergman em que uma personagem é uma rapariga anoréxica - e sabemos como a anorexia é uma forma de desistir da própria vida, de desinvestir afectivamente. A rapariga vai falar com um médico e ele diz-lhe isto, que também vale para nós todos: «Olha, há só um remédio para ti, só vejo um caminho: em cada dia deixa-te tocar por alguém ou por alguma coisa.» A alegria é esta hospitalidade.

Os dias sem alegria são completamente sem memória. Chegamos ao fim não lembramos um único gesto, uma única fase, um único encontro, uma única acção, não temos nada para contar. Tive de ver e de

escutar muitas coisas, e de estar entre muita gente, mas não quis nada daquilo nem daqueles; não permiti que existisse um trânsito, um retorno; não abri o meu coração...

Há que transformar a nossa vida no sentido da hospitalidade. A amizade ensina-nos isso.

Não há alegria sem inocência. Mas inocência naquele sentido que apontava a escritora Cristina Campo: «Nós não nascemos inocentes, mas podemos morrer inocentes.» A inocência da infância espiritual é aquela inocência com a qual e pela qual podemos morrer: a inocência de um coração simples; da gratuidade; da confiança.

Se não tenho um coração de criança não sou herdeiro do Reino de Deus. Isto é, não sou herdeiro do reino da vida, não vejo cintilar, não vislumbro. E aqui, as crianças são exemplares porque elas entretêm-se com os pequenos nada, que no fundo são as coisas mais sérias, as coisas donde colhem a luz. E nós precisamos disso. Precisamos dessa infância. De descobrir infâncias dentro de nós. Não é por acaso que todos os amigos são amigos da infância, mesmo aqueles que fazemos pela vida fora. A principal infância a testemunhar é essa futura.

Em vez de crescermos na severidade, na intransigência, na indiferença, no sarcasmo, na maledicência, no lamento, caminhamos suavemente no sentido contrário. Cresçamos na simplicidade, na gratidão, no despojamento e na confiança. A alegria tem a ver com uma essencialidade que só na pobreza espiritual se pode acolher.